

5 Considerações Finais

Este estudo teve como meta descrever socialmente e mapear hábitos e práticas de ver tevê das crianças que haviam participado da pesquisa Crianças, televisão e valores: o que elas pensam sobre o que vêem na tevê, realizada pelo GRUPEM em 2004-2005. Apesar de ter trabalhado com um volume considerável de material empírico — 986 desenhos e textos de crianças de diferentes cidades da Região Sudeste — a pesquisa em questão havia dado tratamento qualitativo aos dados, pois se entendia que não seria possível lidar com a densidade e subjetividade presente naqueles materiais com uma metodologia destinada a analisar e explicar variáveis numéricas. Os resultados obtidos naquele primeiro estudo permitiram uma aproximação com o problema, no entanto, era necessário complementá-los com um estudo que mostrasse quem eram as crianças que haviam escrito para a pesquisa, onde e como vivem, como é sua família e seu padrão de consumo cultural e também como eram as escolas nas quais elas estavam naquele momento, escolas estas que as havia estimulado a produzir aqueles desenhos e textos. Isso foi o que nos levou a realizar um estudo quantitativo da audiência daquelas crianças (ou de outras de mesma faixa etária, na mesma série e mesma escola) frente à tevê. Desse modo, além de buscar compreender a relação de crianças com produtos televisivos também queríamos saber que papel a escola desempenha nessa relação; por isso, introduzimos na observação, como possível fator interveniente, a escola.

No capítulo dois deste texto aponta-se que Sonia Livingstone, diretora de pesquisa do Media LSE, instituto de estudos da mídia da London School of Economics and Political Studies, indica o cruzamento (*crossroad*) entre metodologias quantitativas e qualitativas como o caminho mais adequado para a aproximação das pesquisas de audiência com os estudos de recepção, onde os conjuntos de dados quantitativos e qualitativos se complementam, possibilitando um melhor entendimento da interação que se estabelece entre receptores e o conteúdo das diferentes mídias. Para esta autora, essa medida possibilitaria uma abordagem que leva em conta tanto o que é regular e recorrente quanto às especificidades e singularidades dessa relação. De fato, esta abordagem vem se mostrando extremamente produtiva em nosso campo de estudos.

O material empírico coletado na pesquisa anterior nos levou a formular a hipótese de que as crianças vêem televisão sozinhas, com pouca ou nenhuma interferência da escola e da família na relação que mantêm com esse veículo, assim como em seu processo de apropriação dos conteúdos ali veiculados. Premissas que não foram confirmadas no presente estudo. Se, por um lado, a pesquisa anterior permitiu que observássemos uma audiência “encarnada”, crítica e reflexiva, capaz de fazer comentários pertinentes quanto à qualidade e adequabilidade de certos produtos televisivos, por outro lado, o estudo de que trata este texto possibilitou um registro descritivo das práticas dessa audiência na relação dela com a tevê, do grau de interferência do veículo na vida dela, de seus gostos e interesses assim como do papel desempenhado pelos adultos (pais ou responsáveis e professoras/es) nesse contexto. Entretanto, os limites impostos aos trabalhos desta natureza impediram que fosse feito o completo cruzamento dos dados obtidos nos dois estudos, o que permitirá maior aprofundamento do problema e a produção de análises e conclusões mais consistentes e abrangentes, levando em conta tanto os aspectos individuais (subjetivos) quanto o contexto histórico, econômico e social das crianças espectadoras de tevê.

A análise dos dados produzidos neste estudo indica que:

- a) a maioria das crianças vê televisão acompanhada, em grande parte por, pelo menos, um adulto de sua família;
- b) elas assistem a seus programas preferidos, em sua grande maioria, com o pai e/ou a mãe.

Vale assinalar que este tipo de assistência não se configurou como uma assistência casual, tendo em vista que se trata de crianças que têm dois ou mais aparelhos televisores em casa (70%). Ao que tudo indica, assistem acompanhadas por escolha. Não se pode afirmar que isto significa, necessariamente, uma melhor apropriação do conteúdo dos programas veiculados na tevê ou uma maior consciência crítica sobre o que estão assistindo, mas sugere que esta apropriação se dá de forma mais ampla e diversa do que se supunha, ou seja, sem interação com outros espectadores no momento de ver; o consumo de tevê parece ser compartilhado pelos membros destas famílias. Por outro lado, esses dados se contrapõem ao senso comum de que as crianças estão “largadas” na frente da tevê e se não estão sozinhas é porque são obrigadas a dividir um único aparelho de tevê com os demais moradores da casa. É importante investigar mais este modo

de ver tevê, sobretudo através de estudos antropológicos que privilegiem as práticas de ver e seus distintos sentidos. A televisão é uma fonte socializadora a partir da qual se constrói identidades. Será que ela é, também, um fator significativo na coesão da família? Sabemos que o lugar privilegiado da televidência é a casa, o lar, e nos parece que nesses lares investigados a televidência familiar é um valor.

A relação escola/tevê indica que as escolas em que estudavam as crianças que nos escreveram atuam, medianamente, na relação que seus alunos têm com a tevê, no mínimo porque torna este um tema legítimo a ser debatido. O que mais importa ressaltar aqui é que, nesses casos, a escola faz a diferença. Então, podemos supor que as escolas que legitimaram, de alguma forma, a presença da televisão na vida de suas crianças, estimulando-as a elaborar cartas e desenhos com suas opiniões sobre o veículo, certamente atuam como fonte mediadora. Tal fato sugere que não precisamos pensar em mudanças radicais e onerosas para as instituições escolares, ou esperar a reforma de currículo ou em formas de didatizar a programação televisiva ou mesmo em uma capacitação formal dos professores para as mídias.

O fato de a escola tornar a televisão um de seus temas de debate, de criar espaços para visionamento de programas televisivos e para discussões sobre eles, como fez a professora da escola pública de São Gonçalo, mais do que prescrever receitas de como ou o quê a criança deve ou não ver a televisão, cria boas condições para que as crianças ampliem e qualifiquem as considerações que têm a respeito do que vêem. Quando um professor de língua portuguesa quer introduzir seus alunos no universo da leitura, ele não desqualifica a história predileta da criança, não desqualifica aquilo de que ela gosta, não menospreza seus interesses, classificando-o como menor. Assim também, se as crianças vêem e apreciam programas que a escola considera de baixa qualidade, ou inadequados para sua idade, não é produtivo desqualificá-los aos olhos delas. É importante que a escola, como um dos *locus* do conhecimento e como importante instituição socializadora incorpore o papel de mediadora dos significados construídos pelas crianças dos programas televisivos a que têm acesso, trazendo o debate para a sala de aula, de forma respeitosa, legitimando a produção televisiva como produção cultural e compreendendo a importância do discurso televisivo na construção de valores, identidades e visões de mundo.

Aliado ao modo familiar de ver tevê também observamos resultados positivos na variável relativa ao diálogo familiar, que é uma fonte de mediação institucional na relação das crianças com o conteúdo das mídias. Desse modo, no contexto deste estudo, o diálogo familiar sobre assuntos relacionados à tevê é de médio para alto. O que significa? Significa que além de assistir à tevê com as crianças, os pais e responsáveis dos alunos pesquisados ocupam-se das atividades cotidianas deles, preocupam-se com o futuro dos mesmos e conversam com eles sobre o conteúdo do que é exibido na televisão. Essa predisposição é indicativa de uma situação familiar que possibilita às crianças terem ampliadas suas fontes de mediação.

Como última consideração, proponho uma reflexão sobre o consumo cultural das crianças brasileiras. Este não é o primeiro nem o único estudo de perfil de crianças no Brasil que indica quão baixo e desigual é o acesso delas aos bens culturais. Mesmo as crianças cujas escolas indicaram uma preocupação maior com a formação integral dos seus alunos apresentaram um percentual assustadoramente baixo de consumo cultural. Se fossemos considerar os itens isoladamente, a única variável que obteve um percentual de respostas mais alto foi aquela que se relaciona ao consumo de filmes no cinema, ainda assim bastante baixo (vale lembrar que menos de 10% dos municípios brasileiros têm salas de cinema, cerca de 30% têm livrarias e menos de 21% têm salas de teatro e museus). Onde se supõe que possa ir um país que não privilegia o acesso aos bens culturais? Como falar de educação para todos se não conseguimos socializar esse acesso? É já, de início, limitar as possibilidades de relações que essas crianças poderiam fazer, é negar-lhes a construção de um conhecimento mais amplo, restringindo também suas possibilidades de aprendizagem.

Espero com este trabalho ter contribuído para ampliação dos estudos neste campo e que a partir dele mais dúvidas e outras hipóteses sejam levantadas.